

Entrevista com o tradutor Fernando Klabin realizada por Veronica Manole

Veronica Manole

Fernando Klabin é tradutor de literatura romena, tendo publicado no Brasil uma série incontornável de traduções de autores romenos e moldavos contemporâneos e do século XX, como Mircea Cărtărescu, Tatiana Țîbuleac, Mircea Eliade, Max Blecher, Constantin Noica, entre outros.

Fernando, este número da Revista Letras é dedicado à tradução “ex-cêntrica”, ou seja, à tradução que parte do centro (de culturas e de línguas que constituem o centro da República Mundial das Letras) e chega às periferias ou que faz a ligação entre duas culturas ditas periféricas. Neste contexto, gostaríamos de saber mais sobre a sua experiência enquanto tradutor de literatura romena no mercado editorial brasileiro.

- Como é que se interessou pela tradução e sobretudo pela tradução de literatura romena?

O traduzir se enraizou em mim de maneira espontânea, a partir do exercício voluntário de traduzir textos literários – em especial do poeta austríaco Georg Trakl – no intuito de aprender melhor a língua alemã. Ao chegar à Romênia em 1997, eu já tinha pegado o gosto por traduzir e, então, para aprender o romeno, comecei a utilizar a mesma tática. Visto que a presença da literatura romena – que conta com excelentes autores – na paisagem editorial brasileira é discreta, decidi-me por me concentrar nesse nicho, onde sabia que a concorrência seria pouca, embora não contasse com a aridez de oportunidades. Ademais, após morar mais de dezesseis anos em Bucareste, o romeno acabou se tornando a língua estrangeira que melhor domino.

- Como vê a posição das literaturas “periféricas” ou “semiperiféricas”, como é o caso da literatura romena, no mercado editorial brasileiro?

Entendo que o sentido de “periferia” aqui aplicado tem mais a ver com a situação política e econômica do país que gera dada literatura, do que com sua qualidade. No caso da Romênia, país obscuro em seu próprio continente, não raro confundido com Bulgária ou com algum país eslavo, sua literatura tem tido pouco alcance dentro do mercado editorial brasileiro. A Romênia misteriosamente não emplaca no visor editorial brasileiro, mesmo com grandes nomes contemporâneos como Mircea Cărtărescu, sucesso explosivo no espaço hispanofônico, e que até agora só tem

um livro publicado no Brasil. Acredito que, sem um esforço de promoção adequado, as literaturas ditas “periféricas” jamais sairão das sombras.

- Você já traduziu autores canônicos, como Emil Cioran, Constantin Noica, Mircea Eliade, Lucian Blaga, Max Blecher, mas também Mircea Cărtărescu, um dos mais conhecidos escritores romenos contemporâneos. Como conseguiu convencer as editoras brasileiras a publicar autores romenos?

É uma pergunta que também me faço, dado que as editoras, em geral, têm medo do que desconhecem. À exceção de Mircea Cărtărescu, para cuja tradução vieram bater na minha porta, e de “Senhorita Christina”, encomenda para um texto de ambientação vampíresca, quase todas as outras traduções foram publicadas graças a um corpo-a-corpo direto com os editores. Ou seja, tradutor desempenhando funções de agente literário. Ademais, contar com a possibilidade do fomento do Instituto Cultural Romeno (ICR) é sempre uma maneira de minimizar os riscos que os editores imaginam ter ao publicar uma literatura tão exótica, o que torna o projeto mais exequível e atraente.

- Que papel têm os programas de apoio à tradução, como o do Instituto Cultural Romeno? Acha que podem motivar os editores brasileiros?

Justamente como acabei de mencionar, estou convencido de que o programa de apoio do ICR desempenha um papel importante, por vezes até decisivo, para o editor brasileiro se render à estranheza de publicar uma obra romena. De todo modo, o interesse espontâneo por parte dos editores é ínfimo, e o número de tradutores brasileiros do romeno pode ser contado nos dedos de uma só mão, sem utilizar todos. Vejo com pessimismo qualquer modificação efetiva do panorama atual enquanto não houver cursos de língua e literatura romena nas universidades brasileiras e uma representação do ICR em São Paulo.

- Traduziu também *O verão em que mamãe teve olhos verdes*, um romance muito comovente da escritora moldava Tatiana Țîbuleac. Foi um desafio traduzir a partir de uma variedade diferente do romeno, que tem as suas particularidades, sobretudo lexicais?

Comovente é a palavra certa, tanto que em alguns momentos o texto me arrancou lágrimas devido à genial simplicidade dos seus inesperados insights psicológicos e emocionais. Durante minha estada na Romênia, visitei inúmeras vezes a República Moldova, de maneira que não me era de todo estranha a

particular variedade do romeno ali utilizado. Contudo, quero acreditar que Tatiana não empregou maciçamente “moldovismos” nesse romance, uma vez que minhas poucas dúvidas pude rapidamente dirimir correspondendo-me com ela. Não creio, contudo, que eu seja capaz de traduzir um texto moldavo em cuja trama se enovelem russismos, regionalismos e arcaísmos do romeno.

- Como decorre o seu trabalho? Gosta de ler o livro na íntegra antes de começar a tradução ou prefere deixar-se surpreender pelo caminho?

Em geral, realizo a primeira leitura ENQUANTO traduzo. Esse deixar-se surpreender pelo caminho, a que chamo susto do primeiro encontro, é o combustível que converto em impulso na direção da tradução mais adequada daquela frase ou palavra. Depois dessa tradução bruta terminada, releio-a, aparando-lhe as arestas antes de a enviar à editora. Em seguida, releio-a mais uma vez, com as modificações sugeridas pela preparação. Se não fossem os prazos capitalistas, eu preferiria fazer essa última releitura depois de o texto descansar uns seis meses fechado na gaveta, tempo para que eu me esqueça dele. Pois a distância e o frescor podem ajudar o tradutor a burilar o texto com mais criatividade.

- Qual foi o livro mais difícil de traduzir? Você já traduziu filosofia, prosa de diferentes épocas literárias. Poderia mencionar algumas das dificuldades que encontrou quando traduziu do romeno para o português?

222

Cada livro é um desafio diferente, com suas dificuldades muito próprias. Sintonizar-se com a música do autor, seu ritmo, sua tonalidade, seu “mood”, é a primeira tarefa antes de confrontarmos o léxico, a morfologia e a sintaxe. Minha maior dificuldade deve ter sido com o livro de Noica, não só por causa dos termos e conceitos filosóficos muito próprios, que facilmente me escapavam, como também por ter sido minha primeira tradução publicada. Dentre as dificuldades mais frequentes que venho observando ao trabalhar com a língua romena, mencionaria a grande proximidade que tem do português por um lado, e por outro a riqueza de sinônimos que nem sempre se reflete no vernáculo de Camões.

- Que relação você tem com os autores contemporâneos que traduz, por exemplo Mircea Cărtărescu ou Tatiana Țîbuleac? Tem alguma comunicação com eles para esclarecer dúvidas?

Embora costume me concentrar na literatura romena do entre-guerras, ao se tratar de autores contemporâneos, considero essencial abrir um canal de

comunicação para esclarecer eventuais dúvidas que, em maior ou menor número, é normal que surjam. Não foi diferente com Mircea – que já tive o prazer de conhecer pessoalmente – nem com Tatiana, com quem devo me encontrar pela primeira vez na próxima Feira do Livro de Tossalônica.

- Se não for indiscrição, poderia dizer que livro está traduzindo agora?

Neste momento estou finalizando a leitura final de “Solenóide” de Mircea Cărtărescu, que será em breve publicado pela editora Mundaréu. Ainda este ano também a editora Hedra deverá lançar títulos que traduzi de autoria de Ion Minulescu, Max Blecher, Cezar Petrescu e Mihail Sebastian. Na contramão do que descrevi anteriormente, por sorte, essas duas editoras paulistanas têm tido a convicção, a coragem e a perseverança de publicar livros romenos de maneira programática.

- Que autores ou livros gostaria de traduzir no futuro?

Na falta de mais livros de Max Blecher, morto tragicamente tão cedo, cuja prosa integral traduzi com tanto prazer, gostaria de continuar traduzindo aquele que considero seja seu herdeiro direto: Mircea Cărtărescu. Apesar do esforço – físico e mental – que é traduzir Cărtărescu, considero essencial disseminar sua obra no mercado brasileiro.